

FRANKLIN  
MACHADO

# FEIRA NÃO PERDOA quem não aceita convenção



Um diálogo com Guido Guerra

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

Franklin Machado é um ator-camaleão da cultura brasileira. Múltiplo nas suas artes e apartes no cotidiano da nação, como se lê nos jornais e revistas; jornalista, poeta, cantador e contador de cordel, com mais de duzentos folhetos editados pelos descaminhos do Brasil. Bacharel em Direito e em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, foi diretor do Museu Casa do Sertão (por ele idealizado) e do Museu Regional de Arte, de Feira de Santana.

No início dos anos setenta bombardeou a vida da cidade com peripécias e estripulias que o embarcaram no último pau-de-arara, com destino a São Paulo. Ao desaparecer, no centro da metrópole, ali mesmo, na Rua Augusta, levantou sua tenda de milagres. Viveu como poeta de cordel e artista popular durante os delirantes anos da ditadura, sem dispensar estrepitosas intervenções na política nacional, incluindo a candidatura à presidência da República das bananas e baionetas.

Franklin Machado

Um diálogo com  
Guido Guerra

FEIRA NÃO PERDOA  
QUEM NÃO ACEITA CONVENÇÃO

Organização, introdução e notas:  
Cid Seixas

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL



**CONSELHO EDITORIAL:**  
Adriano Eysen (UNEB)  
Alana Al Fahl (UEFS)  
Cid Seixas (UFBA/UEFS)  
Itana Nogueira Nunes (UNEB)  
Flávia Aninger Rocha (UEFS)

<https://issuu.com/ebook.br/docs/maxado>  
<http://www.e-book.uefs.br>  
<http://www.linguagens.ufba.br>

Copyright 2017  
Tipologia Amer Type Md BT, 13  
Formato 12 x 20 cm.

# SUMÁRIO

Nos tempos da Feira e dos feirenses de todos os tempos <i>Cid Seixas</i> .....	7
Franklin: O Maxado Nordestino <i>Guido Guerra</i> .....	13
Feira não perdoa .....	15
Ao alcance me minhas emoções .....	19
Namoro começou às escondidas .....	21
Até Odorico Tavares se chocou com meu casamento .....	24

Uma nuvem de gafanhotos nos sertão baiano .....	31
Nordeste pede passagem à Rua Augusta .....	38
Iconografia: Gravuras e folhetos <i>Franklin Machado</i> .....	45
Coleção Teal .....	61

# NOS TEMPOS DA FEIRA E DOS FEIRENSES DE TODOS OS TEMPOS

Este livro eletrônico inaugura a “Coleção Teal” com um diálogo entre Franklin Machado e Guido Guerra intitulado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*.

Rico em detalhes e revelações que constituem um verdadeiro Raio X do contexto social de uma época e de um lugar, o texto reflete o panorama cultural e humano da Feira de Santana, no início da segunda metade do século passado denunciando o imponente e rotundo conservadorismo de uma comunidade, originariamente

rural, com forte influência do comércio espontâneo que marcou os caminhos cruzados do sertão.

Somente muito tempo depois, com a ação de intelectuais feirenses de destaque, o panorama transforma a velha *Santana dos Olhos D'Água* numa cidade universitária e aberta à construção do novo milênio.

Franklin Machado é um ator-camaleão da cultura brasileira. Múltiplo nas suas artes e apartes no cotidiano da nação, *danação* – como se lê nos jornais e revistas. Jornalista, poeta, cantador e contador de histórias de cordel, com mais de duzentos folhetos editados pelos descaminhos do Brasil. Bacharel em Direito e em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, foi diretor do Museu Casa do Sertão (por ele idealizado) e do Museu Regional de Arte, de Feira de Santana.

No início dos anos setenta, conforme contam os mexericos das Candinhas, aquele que viria assumir o papel demolidor do Maxado Nordeste no bombardeou e explodiu a vida da

(nem tanto) pacata Cidade da Feira com peripécias e estripulias que o despacharam no último pau-de-arara, com destino a São Paulo.

Ao desaparecer, com sua *percata* de couro de bode (ainda rescaldando o bodum mal curtido), no centro da metrópole, ali mesmo, na Rua Augusta, levantou sua tenda de “malfeitos” e milagres.

Viveu como poeta de cordel e artista popular durante os delirantes anos da ditadura, sem dispensar estrepitosas intervenções na política nacional, incluindo sua rebelde candidatura à Presidência da República das baionetas – e das bananas.

Como artista múltiplo, juntou ao nome civil do estudioso o nome de guerra que ganhou – ou melhor, conquistou – nas bandas do Sul Maravilha: Maxado Nordeste. Nos seus muitos anos de reinações e andanças pelo mundéu de Deus e do Diabo, o filho pródigo está hoje fincado na Feira de Santana, semeando terras, artes e lembranças.

Louvado seja.

O texto que temos o prazer de resgatar para constituir este e-book resulta de um bem sucedido diálogo com o jornalista e escritor Guido Guerra, este também conhecido na juventude como um rebelde; o Papagaio Devasso, conforme registra Jorge Amado, destacando a irreverência do jovem cronista do velho *Diário de Notícias*.

Assim como Franklin Machado, chegada a maturidade, Guido Guerra tornou-se um respeitável cidadão, acadêmico benquisto e responsável pelo ingresso de vários escritores na Academia de Letras da Bahia, onde desfrutou de influência e prestígio.

São dois intelectuais contemporâneos, forjados nos duros anos da ditadura militar de 64, que dialogam e debatem. Dois jornalistas que nesta conversa assumem lugares diferentes. Guido é o entrevistador, o motivador das falas, Franklin é o entrevistado, o centro nevrálgico do diálogo.

Para enriquecer este breve livro eletrônico, procuramos selecionar algumas entre as expressivas xilogravuras

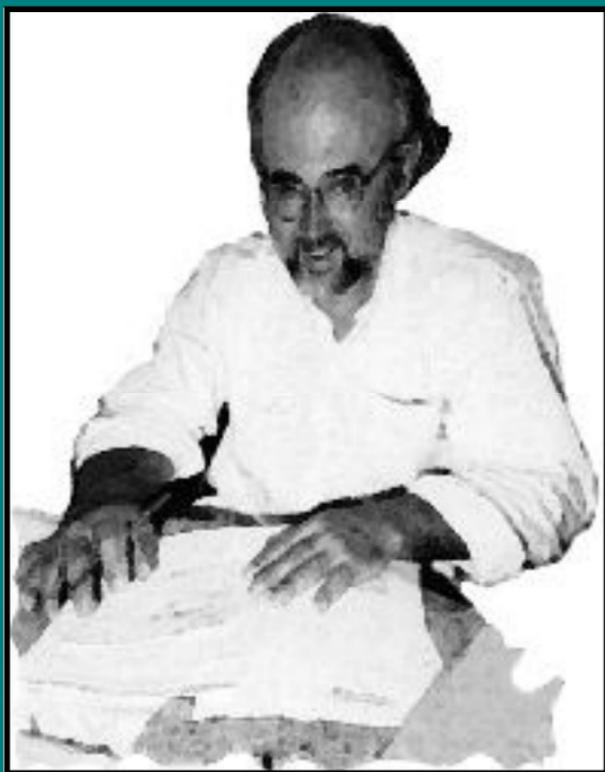
do artista, assinadas com o pitoresco sobrenome *Maxado*, que o fez correr mundo durante o período em que viveu e criou em São Paulo.

Assinatura amorosa, adotada para não perder a sua identidade, a sua marca de intelectual típico e representativo da cidade que foi a Feira de Santana, nos tempos da sua feira e de gente como Eurico Alves, Godofredo Filho ou, até mesmo – indo e voltando atrás – Lucas da Feira, personagens díspares, mas igualmente representativos na *busca do tempo perdido*. Ou melhor, do tempo do jornal *Feira Hoje*, talvez o derradeiro esforço de muitos para marcar o modo de vida do lugar, que se esvaia em fatal progresso.

Lugar cheio de clareiras abertas pelos golpes e galopes do Maxado Nordestino. E Brasileiro, que aqui louvamos.

Louvado seja.

*Cid Seixas*



Retrato do artista quando jovem.

# FRANKLIN: O MAXADO NORDESTINO

Ele scandalizou Feira de Santana, não por ter casado com uma negra, uma atriz de teatro, mas por ter quebrado os padrões dessa cerimônia. Projetou uma cerimônia ecumênica, com uma bênção católica e elementos constitutivos do candomblé. Levou o cordel para São Paulo e lá também cantou *Terra de Lucas*. Na sofisticada Rua Augusta, abriu um ateliê de cordel: o Nordeste foi sua matéria-prima e seu sonho de consumo – Rodolfo Coelho Cavalcante, Zé Limeira, o Cego Aderaldo – tantos ou-

tros enriqueceram seu acervo permanente. Através de suas palavras, de suas lembranças de juventude, por vezes com um travo de amargura, de ressentimento, o leitor mergulha também numa tocante história de amor.

*Guido Guerra*

# FEIRA NÃO PERDOA

GUIDO GUERRA – Sua história pessoal começa quando, onde?

FRANKLIN MACHADO – Bem, começa em Feira de Santana, pois lá nasci. Pra ser preciso, a 15 de março de 1943. Sou descendente de portugueses, mas me considero um elemento tipicamente brasileiro porque, em minhas veias, correm todos os sangues formadores ou, pelo menos, que contribuíram para a formação da nacionalidade brasileira. Minha mãe, por exemplo, parece uma inglesa e ela se orgulha muito disso. Só não me consta que tenha parentesco com japonês. Mas

acontece o seguinte: chego num lugar e sempre tem alguém que me acha com cara de judeu ou de árabe ou de índio ou até mesmo de espanhol. Quer dizer, meus antepassados portugueses já vieram misturados.

GUIDO GUERRA – Como foi sua infância?

FRANKLIN – Foi de menino do interior. Não vou dizer que de menino pobre. Isso não. Minha família tinha recursos, projeção social. Meu avô era um dos homens mais ricos de Feira, ele era fazendeiro. Meu pai, o intelectual da família, também era o mais escuro. Era dentista e muito afeito à leitura. Herdou bom pedaço de terra. Então, tive os brinquedos que sonhei. E também as melhores escolas. E ainda: uma cidade pacata, sua feira livre, seu mercado, a infância ao alcance de minhas emoções.

GUIDO – E o gosto pela leitura lhe veio pelo exemplo paterno?

FRANKLIN – Ah, sim. No início, foi. De Salvador, que a gente chamava de Bahia, chegava diariamente um ônibus, só um. E trazia o jornal do dia

ou da véspera. A estrada não era essa que se vê hoje, toda asfaltada não. Era chão de massapé. Quando chovia muito era aquele lamaçal, o ônibus até atolava. Então eu ia esperar o ônibus pra comprar o jornal pra meu pai. Chegavam poucos exemplares. *A Tarde* era disputada. Às vezes, o jornal não vinha. *A Tarde*, naquele tempo, não saía de manhã como agora, mas de tarde mesmo, como seu nome indicava. Então, era uma decepção pra mim e pra quem esperava ler as notícias mais frescas chegadas da capital. *O Diário de Notícias* também chegava lá, mas com menor regularidade. De volta pra casa, ia lendo o jornal. Foi assim que desenvolvi o gosto pela leitura.

GUIDO – Em seu sobrenome, Machado, pelo menos enquanto assinatura literária, você trocou o ch por um x. Qual o motivo?

FRANKLIN – Você sabe que fui tentar a vida em São Paulo. Mas não queria ser um paulista com sotaque de baiano. Precisava ter um referencial que lembrasse minhas origens, meu

chão, um jeito de falar específico. Aí resolvi assinar assim: Maxado Nordestino. Muita gente achou que eu queria inventar moda. Não queria. Aconteceu que foi em São Paulo que descobri minha vocação pro cordel. Eu saí de Feira pensando em fazer jornalismo e fiz durante algum tempo, mas em São Paulo o cordel pintou em minha vida.

GUIDO – E aí?

FRANKLIN – Aí aconteceu o seguinte: notei que tinha dois diplomas, o de Jornalismo e o de Direito, que não me serviam pra nada. Porque, na minha cabeça, ficou claro que a minha transa era outra. Era no meio da rua, gritando meus folhetos. Aí, escrevi um, que contava a história de um sapo que deu azar ao Corinthians, que vendeu os tubos.

## AO ALCANCE DE MINHAS EMOÇÕES

GUIDO – Era um cordel pra paulista ler?

FRANKLIN – Meu referencial cultural é nordestino, logo minha produção também é. Do ponto de vista de linguagem havia adaptações, não digo concessões, mas adaptações necessárias ao tema: a partir do momento em que me decidia a *pegar* uma paixão paulista como o Corinthians, não poderia fugir ao uso de determinadas expressões consagradas pelo público. O Corinthians era o *timão*, sua torcida, a *fiel*. Se fosse falar em Rivelino nem precisava citar o nome dele, bastava referir ao “Garoto do Parque” que todo mundo sabia quem era. Isto é, o próprio tema impunha um padrão de linguagem, mas não me demitia de meu referencial cultural.

GUIDO – Nessa ocasião você inaugurou, no centro de São Paulo, uma “loja de cordel”, não foi?

FRANKLIN – Isso. Meus amigos diziam que eu estava ficando maluco. Porque aluguei, na sofisticada Rua Augusta, uma loja pra vender cordel. Diziam que cordel era coisa de Nordeste e que não ia dar certo numa cidade industrializada como São Paulo. Mas deu. E lá não vendia só os que eu escrevia não. Vendia de todo mundo. Passei a viajar pro Nordeste pra comprar folhetos, estabelecendo contato direto com seus autores. Mas não esperava o público só na loja não. Ia a ele. Onde houvesse concentração popular, tipo Praça da República, Praça da Sé, Avenida São João, eu ia vender meu peixe. Mesmo na Bienal do Livro, no Parque Ibirapuera, também fui, você estava lá, você me viu. Claro que não pude comprar espaço como as grandes editoras, mas ocupei o espaço que coube à poesia alternativa. Minha barraca ficava defronte da Ciranda do Livro, da Fundação Roberto Marinho. Isso em 1982, quando a Ciranda estava sendo lançada, se lembra?

## NAMORO COMEÇOU ÀS ESCONDIDAS

GUIDO – Qual a influência que a “Feira do Gado” exerceu na sua formação de artista popular?

FRANKLIN – Apesar de gostar muito de animais, não me despertou interesse pelo gado em si. Não me tocava distinguir o de corte do de raça, por exemplo. Pra falar a verdade, na Feira do Gado havia outro aspecto que me interessava mais: as subfeiras que existiam dentro dela. A de moedas antigas, por exemplo. Os ferreiros as compravam pra derretê-las e fazer apetrechos de vaqueiro, como esporas, argolas, bridas, fivelas, etc. Havia também a subfeira de produtos artesanais, o artesanato de couro me atraía muito, principalmente selas, alforjes, alpercatas. E havia ainda subfeira das criações, no caso animais de menor porte, tipo ovelhas, cabras, porcos, veados, pacas... Então, tive contato com as pessoas simples e isso influenciou muito minha vida. Feira

de Santana, por ser uma cidade-tronco, passou a receber levadas de retirantes, os flagelados da seca, aos quais a sociedade local tratava por *forasteiros*. Até hoje ainda existe o *Abrigo Nordeste*, que era onde esse pessoal se hospedava, fica na Praça D. Pedro II, onde, aliás, Lucas da Feira foi enforcado. Então, por causa dessa presença *forasteira* e em parte também pelo precedente de Lucas da Feira, a cidade começou a gozar de má-fama, de que só tinha ladrão, e aí a sociedade local se fechou pra esse pessoal.

GUIDO – E se fechou depois pra você, mas por outros motivos.

FRANKLIN – Naquele época, tinha acabado de me formar aqui em Salvador. E aqui entrei em contato com a cultura negra ou, pelo menos, de origem mais marcadamente negra. Mas sempre sonhei em estreitar esse relacionamento. Sonhei até em ir embora pra África. Havia, em mim, um chamado nesse sentido, não sei se era o sangue português. Acontece que nunca tinha encontrado, até então, uma mulher de origem negra que ti-

vesse alguma instrução, o português não deu muita oportunidade do negro estudar, hoje até nas universidades, aqui na Bahia, você vê mais gente de cor que no tempo em que eu era estudante. Então, ficava sempre desejoso de conhecer uma mulher com essas características. Foi quando, formado, voltei a Feira de Santana e conheci Maria Helena. E me deu aquele *clac*. Eu estava noivo e ela tinha um compromisso. Mas aí ela desfez o compromisso dela e se desempregou. Ela queria ir pro Rio, onde já morava um irmão dela. Coincidiu que eu estava montando a sucursal do *Diário de Notícias*, em cujo projeto também estava envolvido o jornalista Antônio José Laranjeira. Eu tinha montado antes, mas só, a do *Jornal da Bahia*, que foi a primeira a ser implantada no interior. João Falcão, o fundador do JBa., era de lá, fez força pra isso. Então, através do cronista social Cid Daltro, eu a convidei pra ser minha secretária na sucursal dos *Diários Associados*.

## ATÉ ODORICO TAVARES SE CHOCOU COM MEU CASAMENTO

GUIDO – Uma maneira bem prática de dar em cima, né?

FRANKLIN – Não. O relacionamento foi meramente profissional. Um tratamento cordial e respeitoso. No aniversário de Antônio José – dirigíamos a sucursal juntos – aí, nesse dia, sim, Helena e eu nos descobrimos. Claro que terminei o noivado e assumi compromisso com ela. A princípio, um namoro quase às escondidas. Não por ser ela escura e de origem humilde. Mas em virtude de minha situação de ex-noivo recente. Aí, Diogo Flávio, cronista social de Itabuna, em conversa comigo, ponderou que a gente tinha era que assumir a nova situação publicamente. Mas aí a sociedade feirense começou a reagir, a se sentir chocada. Você sabe, os preconceitos eram muito fortes ainda.

GUIDO – Esse tipo de discriminação atingiu sua vida profissional também?

FRANKLIN – Sem dúvida. Pra começo de conversa, a direção dos *Associados*, logo após o casamento, enviou uma carta a Antônio José Laranjeira, solicitando informações a meu respeito. Não sei bem os termos da carta, Antônio José me falou vagamente e não me disse exatamente o que responderia. O certo é que, eu ainda funcionário da empresa, o Dr. Odorico Tavares, na coluna “Rosa dos Ventos”, que ele assinava, disse que Feira não merecia aquilo e se declarou também chocado com meu casamento nos moldes em que ia ser feito. Na época, eu era professor de Educação Moral e Cívica do Instituto Gastão Guimarães, lá em Feira. A vice-diretora, Nenê Boaventura, me falou das repercussões de meu casamento, o que me levou a pedir demissão daquele Instituto.

GUIDO – E como foi seu casamento?

FRANKLIN – Foi uma festa. Bom lembrar que o tropicalismo estava em cima. Era a onda do momento. Então, qualquer loucura fazia sentido. Maria Helena era a principal atriz de

Feira, eu era uma figura pública, identificada com movimentos populares. Frequentava candomblé, estudava capoeira com Mestre Muritiba. Na verdade, os amigos é que iam decidindo como seria o casamento. O professor Raimundo Gama alugou várias carroças e mandou enfeitá-las para o cortejo. O dono de uma empresa de transportes coletivos, chamado Edmilton Brito, colocou vários ônibus à disposição, os lambreteiros e os ciclistas anunciavam que acompanhariam o cortejo. Um tio meu, que é vereador, Vavá Machado, ofereceu cavalos, já selados, para os convidados, gente de candomblé também participou da cerimônia. Narom Vasconcelos, que dirigia Os Trogloditas, que era o melhor conjunto da cidade, comprometeu-se a tocar no coreto defrente da Igreja da Matriz. Então, já não era apenas a simples cerimônia de um casamento. Era uma festa da cidade. Os homossexuais, que eram mais reprimidos na época, aderiram, saíram fantasiados. O inconformismo da cidade esboçava-se claramente.

Em Portugal, que era o cronista social de mais prestígio na cidade, que foi um dos padrinhos, botou um carro-de-boi pra sair na frente do cortejo. Charles Albert confeccionou as roupas dos noivos, eram coloridas no melhor estilo tropicalista. Então, foi uma festa que atraiu a atenção da imprensa nacional. A revista *O Cruzeiro* dedicou várias páginas.

GUIDO – Se não estou enganado, na última hora, pintou incidente com a igreja. Como é que foi isso?

FRANKLIN – Na verdade, o casamento já tinha se realizado. Foi pela manhã, cerimônia simples na casa do padre Galvão. A combinação era esta: à tarde, na Matriz, ele daria apenas a bênção aos noivos. Ele vestiria aquela batina branca e usaria aquele chapelão branco que costumava usar nas procissões, principalmente quando chovia. Dentro da liturgia, esse chapelão tem nome próprio, mas não lembro qual é. Com a repercussão do casamento, o padre Galvão recuou sob pressão do bispo de então, D. Jackson Berenguer. O argumento era no sen-

tido de que a coisa, ou seja, o casamento ia tomando um rumo profano e não convinha à Igreja entrar numa onda assim. O convite era diferente, gravado em madeira no tamanho de papel ofício, anunciava uma cerimônia fetichista, à meia-noite, no Ginásio de Esportes. Foi aí que o bispo empombou. O padre Galvão, pra conciliar, propôs que nós cancelássemos essa cerimônia, o que não aceitamos.

GUIDO – Em que ela consistia?

FRANKLIN – Era o seguinte: os integrantes dos candomblés mais representativos de Feira estariam presentes, paramentados devidamente, sob a presidência do babalorixá Licinho da Jeremeira, de origem mestiça mais pro indígena, vamos dizer assim. Outros nomes também estavam lá, Gegéu, Mãe Socorro, Zefinha, Afonso de Yansã, Zeca de Yemanjá, enfim as figuras mais significativas, Helena do Bode não foi porque estava doente. A cerimônia, encurtando a conversa, foi assim: os noivos, recolhidos numa camarinha, nus, saíam envolvidos em lençóis brancos, conduzidos por

filhos de santo, para o salão, onde, em nome de Oxalá, seria oficiada a cerimônia. Licinho faria uma cruz de cinzas na testa dos noivos e então, simbolicamente, nos deitaríamos no chão, um sobre o outro, isto é, o noivo sobre a noiva, mas apenas simbolicamente. Em seguida, os filhos de santo nos conduziram novamente à camarinha, que era um dos vestiários do Ginásio de Esportes.

GUIDO – E o padre Galvão? Deu a bênção ou não deu?

FRANKLIN – Não deu não. A gente ficou esperando na porta da Matriz, mas ele não apareceu. Então, os padrinhos, em comissão, foram lembrar-lhe o compromisso que ele tinha assumido. A essa altura, aos berros, a multidão cobrava a presença dele, exigia que ele fosse abençoar os noivos, mas ele mandou dizer que já havia realizado o casamento pela manhã. O jornal *O Globo* disse que invadi a igreja, o que não é verdade. A Matriz estava com suas portas abertas, havia outro padre lá, realizando batizados. Entramos, ficamos ajoelhados, espe-

rando a bênção. Foi uma situação chata. Porque o outro padre, que se encontrava na Matriz, disse que não poderia fazer nada, uma vez que o vigário-titular já dera o ato por encerrado. O jornalista, escritor (e hoje procurador da UEMS) Hélder Alencar, que formava a comissão de padrinhos, ponderou que a gente não levasse o caso adiante, inclusive pra evitar maiores consequências. E isso foi feito. Até porque, na ocasião, eu era católico, hoje não sou mais, e era temente a Deus.

## UMA NUVEM DE GAFANHOTOS NO SERTÃO BAIANO

GUIDO – E quando você descobriu o cordel?

FRANKLIN – Foi um pouco depois, já em São Paulo. Com o casamento, perdi o emprego dos *Associados*. Antônio José gerenciava a sucursal, eu funcionava como redator-chefe, fazia de tudo, era repórter, redator, cobria a geral, esportes, polícia, política, enfim estava em cima de todos os lances. A sociedade de Feira começou a se fechar pra gente e a sociedade é que detém os empregos, as oportunidades, né? Nisto, ainda em Feira, conheci um grande jornalista, natural de Cachoeira, de origem negra, chamado Juarez Bahia, que me acenou a possibilidade de trabalhar em São Paulo. Maria Helena, de quem estou separado, há alguns anos, preferia o Rio, um irmão dela já morava lá, optei por São Paulo, já conhecia o Rio, lá trabalhei como operário, achava o Rio muito badalativo.

GUIDO – Você integrou um movimento de intelectuais envolvidos na recuperação de Lucas da Feira. Dá pra trocar isto em miúdos?

FRANKLIN – Olney São Paulo já tinha escrito sobre isto, Hélder de Alencar também, eu andei rabiscando umas coisas, me interessando por Lucas. Maria Helena estava grávida de meu primeiro filho. Quando o menino nasceu, a gente decidiu que ele se chamaria Lucas, em parte em homenagem a Lucas da Feira, em parte em homenagem ao apóstolo. Meu segundo filho, igualmente com Maria Helena, ganhou nome de apóstolo e evangelista, se chama Marcos.

GUIDO – Como seria essa recuperação?

FRANKLIN – Lucas da Feira era considerado um bandido por vários motivos. Primeiro, porque era negro. Segundo: era escravo. Terceiro, era fugitivo. Quarto: assaltava boiadeiros. Quinto, porque distribuía o produto do roubo com os humildes. Consequência lógica: a sociedade, como a elite era formada por descendentes de

portugueses, se sentia roubada por ele, Lucas da Feira. Então, a elite começou a acionar os capitães-do-mato pra levá-lo de volta à senzala. Com o apertar do cerco, Lucas passou a revidar, substituindo a ação isolada, isto é, a de um homem só, pela de vários em grupo, chegando a formar um bando de 30 negros escolhidos a dedo.

GUIDO – Em outras palavras, aproximou-se de um quilombo?

FRANKLIN – Não, não chegou a formar um quilombo não. Eles não tinham mulheres nem situação estável. Eles não ficavam num lugar definido. Não sei se há floreios, porque a única notícia, que se tem disto, vem através do romancista Sabino Campos, de Cachoeira, que escreveu *Lucas, o Demônio Negro*, mas se diz que Lucas tinha um sistema telegráfico feito com cipós pra detectar a proximidade de pessoas no local em que ele estava escondido. Era o seguinte: ele trançava os cipós nas bocas de caminho, de modo que, se alguém ia passar por ali, inevitavelmente pisaria no cipó que acionaria imediata-

mente vários chocalhos. Então com o crescimento do bando de pequenos furtos, Lucas passou a assaltar boiadeiros. Não a história oficial, mas a oral diz que esses roubos maiores eram divididos com seus protetores, ricos que lhe garantiam a liberdade. O certo é que a fama dele cresceu a ponto de Nina Rodrigues relacioná-lo como um dos maiores bandidos do Brasil.

GUIDO – A fama dele correu o país, inclusive em nível de crueldade, de estuprador de brancas, né?

FRANKLIN – É, falam isso também. Contam que, uma vez, ele raptou a filha de um fazendeiro. Uma loucura. Ela resistiu. Ele, desesperado, a matou de socos. O livro de Sabino Campos conta que extasiado diante de tanta candura, escolheu o mandacaru mais *sortido* de espinhos, onde a crucificou e, ao ver seu sangue derramando, chorou, arrependido. Se o episódio é veraz ou ficcional, não sei. O certo é que traído por um de seus *coiteiros* – na época, ainda não se usava essa expressão – foi preso e condu-

zido até Feira de Santana. A lenda conta que, por força da emoção, um paraplético, ao vê-lo, andou. As autoridades locais entenderam que a cadeia de Feira de Santana não era suficiente pra mantê-lo preso. Então, ele veio pra Salvador: no vapor de Cachoeira. Atraído por sua fama, o Imperador Pedro II ordenou que levassem Lucas à sua presença, no Rio de Janeiro, amarrado. O Imperador o viu de perto, mas não atendeu ao pedido de clemência, de enforcamento público pra prisão perpétua.

GUIDO – Onde Lucas foi enforcado?

FRANKLIN – Dizem que foi debaixo de um pé de Gameleira frondosíssimo, que existia na atual Praça D. Pedro II, onde era o Campo do Gado, o antigo. Essa forca é curiosa, ao menos, na reconstrução através de gravuras. Era formada de três paus fincados no chão com travessas em cima, onde passava a corda. Não era uma forca comum, que é pau pra cima e uma travessa. Vestido num camisolão branco, Lucas percorreu as ruas de Feira de Santana. As testemunhas dão

conta de que manteve a dignidade até o fim, sem um ai e sem revelar nomes, nem de quem o protegia nem de quem o seguia. O romance diz que, nos momentos finais, ele revelou ter complexo por não saber ler e que pediu perdão à sociedade. A lenda narra que, no instante de seu enforcamento, uma nuvem de gafanhotos invadiu Feira de Santana. O *meirinho*, que corresponde hoje ao Oficial de Justiça, compôs o famoso e clássico *ABC de Lucas da Feira*, que Jorge Amado transcreve no grande romance *Jubiabá*, que declamei em Feira de Santana, quando de lá me despedi com o show *Terra de Lucas*, que começa assim, com a batida de toada baiana: “Adeus, Saco de Limão/ Lugar onde nasci/eu vou preso pra Bahia/levo saudades de ti”. O título do *show* era agressivo, era um revide às agressões que Maria Helena e eu vínhamos sofrendo. *Terra de Lucas* era a mesma coisa que dizer terra de ladrão. Não pra mim nem pra Maria Helena, mas pra sociedade. Esse *show* ficou 10 dias em cartaz no Teatro

Margarida Ribeiro, casa lotada toda noite. Não ficou mais tempo porque os nossos fins não eram comerciais. Maria Helena e eu tínhamos pressa, queríamos respirar ares menos opressivos.

## NORDESTE PEDE PASSAGEM À RUA AUGUSTA

GUIDO – E o cordel?

FRANKLIN – Minha primeira poesia foi escrita aos 14, 15 anos, por aí, já era cordel ou próxima, eu não sabia, mas já era. Quer dizer, como eu passava as férias em Mundo Novo, que é mais pra dentro do sertão que Feira, eu ia recebendo outro tipo de influência, ganhando intimidade com a chula, com o aboio, com o samba de vaqueiro, tudo isso, sem eu saber, me levaria mais tarde ao cordel. Minha primeira influência da cultura popular vem de Feira de Santana, de sua grande feira livre, onde se via de tudo. Ficava horas e horas, olhando o faquir engolindo fogo, enfiando pregos pelas narinas, se deitando em pregos, gostava de ver o pessoal do Nordeste cantando forró, tocando sanfona, tocando triângulo. O poeta de cordel dizendo seus versos, um fazendo desafio e outro completando. Meu primeiro livro, um pouco antes de des-

cobrir o cordel, foi em cima disso, dos tipos populares da cidade, daí o título *Álbum de Feira de Santana*, que editei por minha conta, a primeira edição tinha uma capa de couro.

GUIDO – E sua experiência com a xilogravura?

FRANKLIN – Antes, ainda em Feira, na serraria de meu tio Osvaldo Boaventura, hoje sob a direção de meu primo Carlos, mexi com madeira, sempre gostei de malinar, menino inquieto. Então, na serraria de tio Osvaldo, aprendi a conhecer madeira e como aproveitá-la melhor. Isso me ajudou muito, quando entrei no cordel, quando comecei a fazer xilogravura pra ilustrar a capa de meus folhetos. Aliás, não era propriamente xilogravura, mas alto-relevo na madeira. Já em São Paulo, vendendo livros na Praça da República, foi que senti essa necessidade, a de participar de forma mais integral da produção de meus folhetos. Dona Judite Pedra, que foi minha professora de Trabalhos Manuais no curso de ginásio, me ensinou a fazer alto-relevo na

madeira. Aí, em São Paulo, um sergipano chamado Zacarias José, que gosta muito da xilo, mas não tem tempo pra se dedicar a ela por ser funcionário público, me perguntou se eu fazia xilogravura. Eu disse que fazia, tinha aprendido com Chico Diabo, com quem eu dividia o *ateliê* da rua Augusta. Zacarias José, então, me fez uma encomenda. Era pra uma campanha de prevenção de acidentes, cujo texto ele escreveu e eu illustrei. Foi encomenda do Sindicato da Construção Civil, folheto de grande tiragem. Aí, as encomendas choveram. Nessa época, eu trabalhava na redação da *Folha de São Paulo*, e mais dois jornais. Então, resolvi largar tudo pra me dedicar ao cordel em tempo integral.

GUIDO – Como foi essa descoberta?

FRANKLIN – Foi de estalo, como tudo que me acontece. Quando vi Maria Helena, pela primeira vez, foi assim, me deu aquele *clic*. Em São Paulo, correndo de um jornal pra outro, me sentia sufocado. E mais que isso: um exilado à procura de suas raízes, mas, o

que era pior, sem sair de seu território. São Paulo não era meu chão, lá me sentia desterrado. Meu lugar era cá no Nordeste. Feira de Santana me marcara muito, eu ainda estava meio ressentido, com um certo travo de *Terra de Lucas*, boa dose de vontade de revidar, se possível, mais uma vez. Para mim, tinha descoberto minha cultura. Para Maria Helena, não. Essa opção funcionou de outra maneira. Na cabeça dela, eu tinha pirado. Era como se ela se perguntasse: “Como é que um cara, no juízo perfeito de sua sanidade, mandaria três empregos pro espaço pra vender papel no meio da rua?” Eu compreendo perfeitamente o pensamento dela. Não vou criticá-la aqui, muito menos na ausência dela. Quer dizer, não foi exclusivamente por isto a separação. Foi a gota d’água, qualquer coisa seria. A nossa situação não estava legal. Ela também era uma artista insatisfeita, precisava dançar e não estava trabalhando. Tudo isso ia pesando na balança. Ela queria ir pro Rio, achava que o mercado lá estaria melhor. O irmão mo-

rava lá. Então, chegou a hora de a gente se separar. Não vou dizer que foi uma separação tranquila. Não foi. Mas passou. Temos dois filhos em comum e uma bela história de amor pra recordar.

GUIDO – E seu início no cordel?

FRANKLIN – Foi em 1967. Um pouco antes, por ocasião da inauguração do metrô de São Paulo, foi lançado um concurso para cordel, o tema não poderia ser outro, era o metrô mesmo. Então, como já me dava com Rodolfo Coelho Cavalcante, enviei uma cópia do regulamento do concurso, ele aí escreveu *O paulista virou tatu viajando pelo metrô*, em que, sem saber, me lançava no cordel. Foi quando me animei e produzi meus três primeiros folhetos, todos ligados à Bahia e escritos aqui. Pensei muito antes de entrar no cordel. O primeiro era *Maria Quitéria, heroína baiana que foi homem*. O segundo, *Profecias de Antonio Conselheiro, o sertão já virou mar*. O terceiro, *A Feira da Feira de Santana já vai sair do meio da rua*, que abordava a mudan-

ça da feira livre para o Centro de Abastecimento, que era o assunto que fervilhava na cidade. Aí, quando voltei pra São Paulo, porque esses três foram lançados aqui, eu escrevi *A Volta do Pavão Misterioso*. Esse não tem nada a ver com o que fizeram pro professor Peres. Mas meu grande estouro, por sinal logo no início da carreira, foi com *O sapo que desgraçou o Corinthians*. Eu dizia que, há 22 anos, o Corinthians não ganhava um campeonato por causa de um sapo que estava enterrado, coisas que fui recolhendo nos bares, nos bate-papos dos corinthianos mais inflamados. O resultado foi que a coisa pegou, era um tema de São Paulo, o Corinthians é uma paixão paulista. O dono da gráfica ficou meu sócio, dividimos os lucros, uma tiragem esgotava, a gente rodava outra, vendeu como água. De saída, foram vendidos 10 mil exemplares. A imprensa deu em cima.

GUIDO – Você introduziu o cordel em São Paulo?

FRANKLIN – Quando eu cheguei na Praça da República, já havia outro

cordelista lá. Era J. Barros. Sempre houve nordestinos vendendo cordel em São Paulo. Rodolfo Coelho Cavalcante afirmou que outro não poderia reivindicar esse título, o de introdutor do cordel, senão eu. Só eu, ele foi muito categórico. Isso foi publicado na imprensa e eu guardo comigo uma carta dele, confirmando isto. Eu não falaria assim, não diria exatamente isto. Diria que popularizei o cordel no Sul. Porque não me limitei aos temas do Nordeste, aos que a literatura de cordel consagrou. Envolvi também São Paulo, em meus folhetos, tomei seus temas sem sair do cordel. Quer dizer, isto me assegurou presença no cotidiano da cidade, passei a fazer parte de sua vida, ganhei espaço nos veículos de comunicação de massa nem sempre receptivos às manifestações populares. Penso que não fiz mais que isto.

ICONOGRAFIA

GRAVURAS

E

FOLHETOS

Nesta parte do livro eletrônico *Feira não perdoa quem não aceita convenção. Um diálogo de Franklin Machado com Guido Guerra* apresentamos algumas gravuras do álbum do artista e capas de folhetos de cordel que marcaram a sua polêmica carreira de poeta essencialmente nordestino, situado e datado, no seu tempo e no seu lugar.

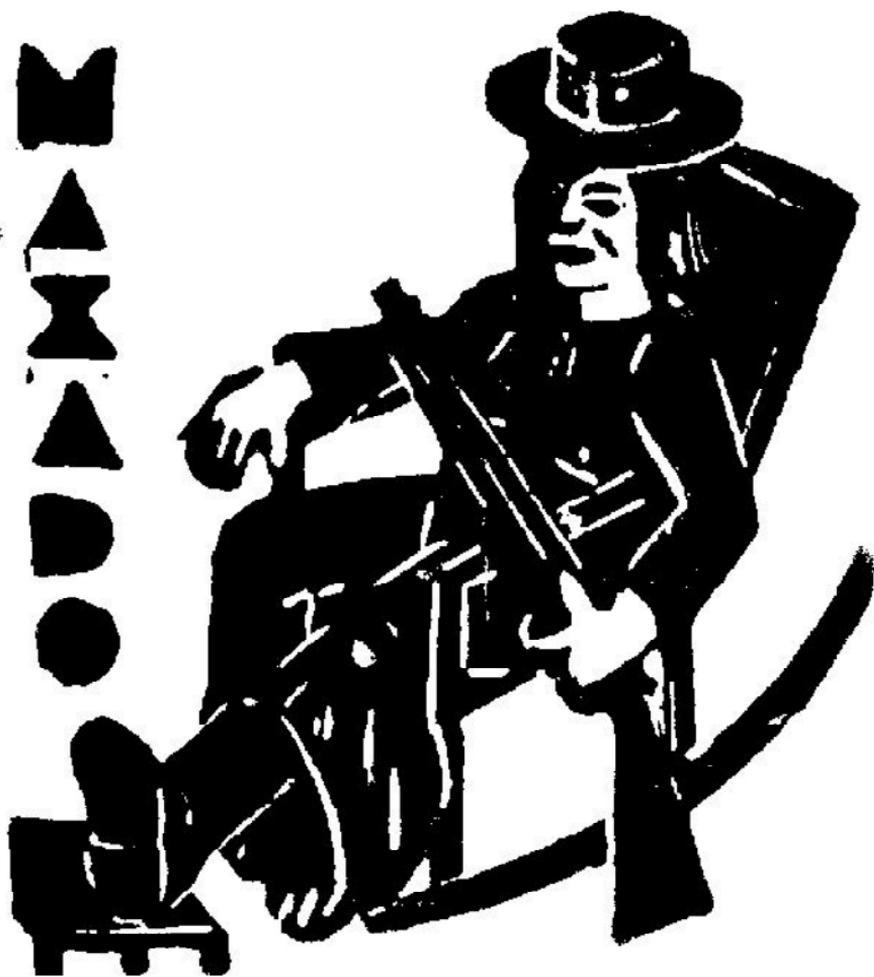






# O CORONEL DE SAIA

MACHADO



















Maxado Nordestino e Rodolfo Coelho Calvacante marcaram um encontro de cantoria e trovas, gravado na madeira pela goiva do primeiro.





# COLEÇÃO TEAL

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

Os e-books são diagramados no formato de 12 centímetros de largura, por 20 de altura, na fonte *Amer Type Md BT*, corpo 13, cor branca, tornando a leitura visualmente cômoda, em equipamentos eletrônicos. Novas experiências podem vir a reajustar o projeto inicial da coleção para aperfeiçoar os resultados obtidos.



Edição e projeto gráfico  
de Cid Seixas

<https://issuu.com/ebook.br/docs/maxado>  
<http://www.e-book.uefs.br>  
<http://www.linguagens.ufba.br>

Este livro eletrônico inaugura a “**Coleção Teal**” com um diálogo entre Franklin Machado e Guido Guerra intitulado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*.

Rico em detalhes e revelações que costumam constituir um verdadeiro Raio X do contexto social de uma época e de um lugar, o texto reflete o panorama cultural e humano da Feira de Santana, no início da segunda metade do século passado denunciando o conservadorismo de uma comunidade, originariamente rural, com forte influência do comércio espontâneo que marcou os caminhos cruzados do sertão.

Somente depois, com a ação de intelectuais feirenses de destaque o panorama transforma a velha *Santana dos Olhos D'Água* numa cidade universitária progressista e aberta para a construção do novo milênio.

FRANKLIN  
MACHADO

# FEIRA NÃO PERDOA quem não aceita convenção

## Um diálogo com Guido Guerra

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

<https://issuu.com/ebook.br/docs/maxado>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>